

GM demitiu 1.100 em fábricas de São Paulo, afirmam sindicatos

Empresa reitera que demissões se devem à queda nas vendas e exportações; metalúrgicos penduram uniformes

Ana Paula Branco

SÃO PAULO O corte da General Motors atingiu 800 funcionários na fábrica de São José dos Campos, 200 na planta de São Caetano do Sul e 100 na de Mogi das Cruzes, afirmam os sindicatos dos metalúrgicos.

A empresa confirmou os desligamentos, mas não informou o número de demitidos. De acordo com a GM, a medida foi adotada em razão da queda nas vendas e nas exportações.

As demissões ocorreram no fim de semana, por telegrama e por email, como mostrou reportagem da **Folha**, e durante acordo de layoff com garantia de estabilidade assinado pela montadora, em junho.

Em protesto, metalúrgicos penduraram cerca de cem uniformes de trabalho com mensagens contra os cortes na portaria da unidade de São José dos Campos nesta quarta (25). O número de demitidos representa 20% do quadro da fábrica, de acordo com o sindicato. Uma nova manifestação será realizada nesta quinta (26).

A fábrica de São José dos Campos tem cerca de 4.000 trabalhadores e produz os modelos Sto e Trailblazer, em uma média de 150 carros por dia.

As três unidades da GM estão totalmente paradas, por tempo indeterminado, por causa da greve iniciada nesta segunda (23). Ao todo, a paralisação unificada reúne cerca de 10 mil profissionais, que reivindicam o cancelamento da demissão em massa pela montadora.

Segundo a GM, suas fábricas em Gravataí (RS), Joinville (SC) e Sorocaba (SP) operam normalmente.

Após pedido dos sindicatos dos metalúrgicos que representam os trabalhadores da GM em São José dos Campos, São Caetano do Sul e Mogi das Cruzes, o governo de São Paulo agendou uma reunião com as entidades.

Os três sindicatos também enviaram uma carta ao governo federal, solicitando reunião com a Presidência e o Ministério do Trabalho em caráter de urgência para discutir medidas de socorro aos trabalhadores do setor automotivo.

A mobilização no Brasil

ocorre em meio à greve histórica nos Estados Unidos contra as três principais montadoras americanas (General Motors, Ford e Stellantis).

Em paralisação que dura mais de um mês, trabalhadores do setor automotivo pressionam por salários e benefícios mais altos e pela eliminação

de um padrão escalonado que paga menos aos funcionários mais novos.

As montadoras dizem que as exigências do sindicato prejudicariam seus lucros, já que tentam competir com fabricantes não sindicalizados, como a Tesla.

A General Motors registrou lucro líquido global de US\$ 2,57 bilhões (R\$ 12,94 bilhões) no segundo trimestre deste ano, com alta de 51,6% na comparação anual.

Segundo relatório divulgado pela montadora, 1,6 milhão de veículos foram entregues em todo o mundo no segundo trimestre, uma alta de 11,5% em comparação a 2022. Nos Estados Unidos, houve um aumento de 18,9% nas entregas, totalizando 692 mil unidades. No Brasil, a montadora entregou 78 mil veículos durante o período de abril a junho, registrando um crescimento anual de 18,1%.

Neste ano, a GM voltou a investir no mercado europeu com lançamento do Cadillac Lyriq, na Suíça, para aumentar a sua participação no mercado de carros elétricos. A iniciativa ocorre seis anos depois que a montadora americana vendeu suas marcas populares na região.

A montadora é uma das que está priorizando a transição energética global. A General Motors vai produzir carros híbridos e elétricos no Brasil, mas disputa mercado com as chinesas GWM e BYD, que colocam a América do Sul em destaque na sua estratégia de negócios.

Com Reuters

800

Foi o número de demitidos na fábrica de São José dos Campos, de acordo com os sindicatos

200

foram os desligados em São Caetano do Sul

100

tiveram seus contratos encerrados em Mogi das Cruzes

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Página: 21